

Brasileira detida pela imigração reencontra filho após 8 meses da separação dos dois

O caso da brasileira Jocelyn, noticiado no dia 21/02/18, que tentou entrar pela fronteira do México com o filho, voltou a pautar a imprensa americana. Ativistas e advogados defensores dos direitos dos imigrantes criticam a prática permanente de separação entre familiares adotada pela polícia de imigração nos EUA

ABC News
Fotos ABC

O reencontro de Jocelyn, uma imigrante brasileira de 31 anos que pediu que seu sobrenome fosse divulgado, e seu filho de 14 anos, James, viralizou nas agências de notícias americanas nesta terça-feira, 05. Os dois cruzaram a fronteira perto de El Paso no Texas ilegalmente em agosto do ano passado para pedir asilo nos Estados Unidos, disse ela à rede ABC News. Eles ficaram separados por mais de 8 meses.

A brasileira Jocelyn sorriu no momento em que viu James, seu filho, descendo uma escada rolante do aeroporto de El Paso. Ela correu em direção a ele após mais de oito meses desde que foram separados na fronteira dos EUA com o México, no Texas. A cena comovente do reencontro entre mãe e filho viralizou nas redes sociais.

Após a detenção da imigrante, seu filho James, de 14 anos, foi levado para um abrigo em Chicago e permaneceu lá

mesmo depois que sua mãe foi libertada da prisão em El Paso, no Texas. A prisão de Jocelyn foi preventiva e durou três semanas após sua detenção. Jocelyn disse que quando os policiais levaram seu filho embora, o olhar em seu rosto dizia: “Mãe, ajude-me”.

“Eu não sabia o que iria acontecer com a gente”, disse ela. “Passei a noite chorando porque queria que James fosse protegido e não sabia o que iria acontecer com ele”. Jocelyn esteve na custódia criminal federal dos EUA por quase um mês por sua acusação de contravenção ao entrar ilegalmente no país e depois passou outros seis meses em instalações de detenção de imigrantes. Ela tem vivido em um abrigo no oeste do Texas administrado por uma organização sem fins lucrativos que protege os direitos humanos.

James foi enviado para o centro em Chicago, sob a supervisão do Escritório de Reassentamento de Refugiados dos EUA. Os dois podiam se falar apenas uma vez por semana. “É uma coisa terrível, a experiência que tivemos”, disse Jocelyn em espanhol na semana passada.

Tolerância zero

A administração do Presidente Donald Trump argumentou que sob sua política de “tolerância zero” à imigração ilegal, as famílias estão sendo separadas porque os pais estão infringindo a lei e precisam ser punidos, e seus filhos não podem ser presos com eles.

Com a ajuda de advogados da Ame-

rican Civil Liberties Union, Jocelyn está processando o governo em nome de si mesma e centenas de outras famílias que foram separadas, argumentando que o governo não tem o direito legal de manter famílias separadas quando os pais forem libertados da custódia sem que haja justificativa suficiente para tal.

Decisão judicial aguardada

O advogado da ACLU, Lee Gelernt, que está representando Jocelyn, disse à ABC News na semana passada que a separação de membros da família indocumentados aumentou desde que a política de “tolerância zero” foi implementada. O caso da brasileira aguarda decisão judicial.

“Literalmente crianças de 3, 4, 5 anos gritando: ‘Por favor, não me tirem da minha mãe’, e sendo arrancadas”, disse Gelernt. Os advogados de Jocelyn disseram à ABC News que não sabem exatamente por que a decisão judicial no caso de Jocelyn ainda não foi proferida. Eles disseram acreditar que a repercussão

do caso pode ser um fator para a postergação da decisão.

Em uma moção apresentada no mês passado para rejeitar o caso, a Imigração e Alfândega dos EUA argumentou que tais casos “servem ao propósito legítimo de permitir que o governo cumpra sua função contra à imigração ilegal e criminosa”.

Jocelyn, mãe de 31 anos do Brasil, se reencontrou com seu filho de 14 anos, James, oito meses depois de os dois terem sido separados na fronteira dos EUA com o México, no Texas



Trump passa 'rasteira' na Coreia do Sul

Patrícia Campos Mello

A expressão em inglês “jogar alguém debaixo do ônibus” — que pode ser traduzida como dar uma rasteira em um amigo — aplica-se perfeitamente ao resultado da reunião histórica entre o presidente americano, Donald Trump, e o ditador norte-coreano, Kim Jong-un, realizada nesta terça-feira (12) em Singapura.

Trump anunciou que os Estados Unidos vão suspender os exercícios militares que realiza regularmente com a Coreia do Sul, dizendo serem “uma provocação” e “muito caros”. Em troca, recebeu promessas vagas de desnuclearização de Pyongyang.

Aparentemente, a Coreia do Sul foi pega de surpresa.

Um porta-voz das forças armadas coreanas afirmou: “Em relação ao co-

mentário do presidente Trump sobre acabar com os exercícios militares conjuntos, precisamos descobrir qual é o significado exato disso e as intenções”.

“Precisamos entender o que o presidente Trump disse”, afirmou um porta-voz do presidente sul-coreano, Moon Jae-in.

Aliás, nem as próprias forças americanas na Coreia estavam sabendo. “Não recebemos instruções sobre suspensão

de exercícios de treinamento e planejamos continuar com nossa atual postura militar”, disse o comando americano na Coreia do Sul, em comunicado.

Os exercícios são parte integral da estratégia de defesa dos EUA, que garantem a proteção da Coreia do Sul desde a trégua na guerra da Coreia, em 1953.

Já se tornou um clássico do estilo Trump destratar aliados, vide as tarifas

sobre aço e alumínio impostas contra seus maiores aliados — União Europeia, Canadá e México (a Coreia havia sido sacrificada em março) e os insultos contra o primeiro-ministro canadense, Justin Trudeau, chamado de “fraco e desonesto” após a desastrosa cúpula do G7.

Já o ditador Kim Jong-un, que determinou a execução de mais de 200 opositores políticos e de seu tio, considerado traidor, mereceu palavras gentis.